

Apresentação

Maurício Soares Leite

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEITE, MS. *Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 239 p. ISBN 978-85-7541-137-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Sete meses após minha chegada à aldeia de Santo André, em certa ocasião eu conversava com um dos homens wari', um agente de saúde. Em dado momento, relembrávamos meus primeiros dias na aldeia. Ele, rindo e em tom absolutamente amistoso, disse-me em bom português: "Maurício, você quando chegou aqui era muito burro, mesmo. Você não entendia nada." Naturalmente, demos juntos boas risadas por conta da magnitude da minha ignorância, já 'parcialmente' minimizada, com relação tanto à língua como aos demais aspectos da vida e do pensamento wari'. Esse desconhecimento, infelizmente, não estava limitado a mim: meus interlocutores tinham muito claro para si o grau de desinformação dos brancos acerca de seu cotidiano e de seu modo de pensar.

No entanto, não foram poucas as vezes em que ouvi explicações dos brancos que trabalhavam com eles sobre os motivos da precária situação nutricional wari', e que de modo geral os responsabilizavam por suas condições de vida e saúde: ora diziam-me que eles não alimentavam adequadamente suas crianças, ora que só tomavam a iniciativa de levar comida para casa quando já não havia mais o que comer; que não sabiam aproveitar adequadamente os alimentos ou simplesmente não queriam fazer roças. Nesse tipo de discurso, os Wari' não sabiam como proceder adequadamente ou eram simplesmente indolentes; em ambos os casos, o resultado final era o comprometimento de suas condições de nutrição. Caberia aos brancos, portanto, orientá-los e ensiná-los a proceder corretamente. Como pretendo deixar claro ao longo das análises que se seguem, não posso concordar com esse tipo de visão, em qualquer forma.

Assinalo que contraste as falas de um wari' sobre um branco, e a dos brancos em geral sobre os Wari', para chamar a atenção para um aspecto aparentemente óbvio, ou que ao menos deveria sê-lo, para os profissionais da saúde que atuam nessa e em outras populações indígenas, e que apresenta desdobramentos importantes. Refiro-me à idéia de que as condutas nativas, e aí incluem-se suas

práticas alimentares, não resultam de mera aleatoriedade, mas seguem princípios e critérios específicos. Critérios lógicos e coerentes com suas visões de mundo.

O reconhecimento da existência desse conjunto de idéias e, mais que isso, o da sua legitimidade constituem pré-requisitos para o seu entendimento; este, por sua vez, é um passo essencial para o diálogo que qualquer tipo de atuação nessas populações inevitavelmente exige. Além disso, a idéia de que a situação nutricional indígena no país pode ser significativamente modificada pela identificação de práticas culturais deletérias do ponto de vista biomédico e, portanto, passíveis de correção com ações educativas corresponde a uma visão no mínimo distorcida das realidades locais, assim como da atuação dos profissionais da saúde nessas populações (Langdon, 2004). Mais que isso, trata-se de um conceito que assume ares etnocêntricos, civilizatórios e mesmo colonialistas, e nessa medida é logicamente inaceitável (Follér, 2004; Leite, 2005). Na vigência de fatores de ordem estrutural amplamente desfavoráveis, como os perfis de morbimortalidade, caracterizados pelo predomínio de doenças infecciosas e parasitárias, condições de saneamento precárias, relações econômicas desiguais e dificuldades com a produção de alimentos e geração de renda, para mencionar os mais evidentes, atribuir a precariedade da situação nutricional indígena a esse tipo de componente constitui uma espécie de 'miopia' metodológica, na melhor das hipóteses não-intencional.

A distância entre os discursos wari' e não-indígena sinaliza ainda para o fato de que os primeiros, de modo geral, têm sido pouco ouvidos pelos serviços de saúde, e nisso incluem-se as questões de ordem alimentar e nutricional.¹ Não me refiro a uma ausência absoluta de diálogo, nem afirmo que eles não sejam ouvidos em suas queixas. No entanto, não parece haver espaço institucional para as especificidades culturais; o diálogo existe, mas nos termos da biomedicina. Com exceções individuais, os serviços prestados à população parecem passar ao largo dos esforços de compreensão do pensamento do grupo acerca de questões ligadas à sua saúde (Conklin, 1989, 1994; Novaes, 1996). Não se trata, contudo, de um problema referente às unidades ou equipes que prestam assistência aos Wari'; o problema reflete as limitações inerentes à estrutura dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), que ainda se mostram incapazes de lidar com as singularidades das populações indígenas e de preparar adequadamente os profissionais para o exercício de suas atividades em um contexto de relações interétnicas (Langdon, 2004).

As questões nutricionais e alimentares entre os povos indígenas encontram-se inseridas no contexto da atenção à saúde dessas populações; desse modo, a discussão da operacionalização do conceito de 'atenção diferenciada' no âmbito alimentar-nutricional remete à assistência à saúde indígena em termos mais amplos. O panorama que se descortina, nesse aspecto, não é exatamente favorável. Fica evidente o contraste entre o tom das políticas estatais de atenção à saúde indígena e as práticas e os discursos locais. As primeiras contemplam, por certo, a especificidade

e a atenção diferenciada; no entanto, em âmbito local o discurso oficial da singularização não chega a se concretizar. Mesmo nos documentos oficiais, a especificidade cultural acaba sendo de certa forma banalizada, mantida que é em termos amplos e imprecisos. Nos discursos oficiais, além disso, as populações aparecem como vítimas passivas dos processos de mudança, o que não parece corresponder à realidade. As especificidades culturais não apenas afetam a aceitabilidade e o sucesso das intervenções, mas modulam – e nisso as populações têm um papel ativo, e não passivo – os próprios processos de mudanças e suas conseqüências.

A distância entre o discurso oficial e sua operacionalização é também assinalada por Langdon (2004: 43), que afirma: “Em nível nacional (...), a Funasa (Fundação Nacional de Saúde) não tem estimulado os DSEIs a refletir sobre suas práticas clínicas, bem como não está claro se os profissionais têm compromisso de desenvolver atenção diferenciada (...).” Se por um lado a adequação dos serviços de saúde às especificidades locais certamente transcende a sensibilização desses profissionais, a formação de agentes indígenas de saúde e a garantia do acesso aos serviços, dentre outros aspectos (Buchillet, 2004), por outro a sua realização encontra um sério obstáculo já na questão da compreensão das particularidades socioculturais. É notável que, na análise dos planos distritais dos DSEIs, Garnelo, Macedo & Brandão (2003: 49) assinalem que

Dos 17 planos distritais consultados para a elaboração deste documento, ‘nenhum deles’ programava serviços adaptados às singularidades culturais dos grupos indígenas presentes no território distrital, nem promovia a articulação com os sistemas tradicionais de cura e cuidados dos grupos étnicos atendidos ou desenhava estudos antropológicos que viabilizassem o acúmulo de conhecimentos sobre a cultura de sua clientela para subsidiar a gestão distrital.

A dimensão nutricional, nessa trajetória, não é particularmente favorecida. Um contraste semelhante entre os documentos oficiais e as práticas locais pode ser observado. A menção à sociodiversidade, no que diz respeito especificamente à alimentação e à nutrição, é feita em documentos produzidos nas mais diversas instâncias, estando presente no documento final da III Conferência Nacional de Saúde Indígena; na Política Nacional de Atenção à Saúde Indígena; na Portaria Ministerial n. 2.405, que trata do Programa de Promoção da Alimentação Saudável em Comunidades Indígenas (PPACI); e ainda em documentos produzidos em fóruns de discussão sobre segurança alimentar, como a *Carta de Olinda* (II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2004) e a *Carta de Sobradinho* (Fórum Nacional para Elaboração da Política Nacional de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas do Brasil, 2003). Apesar disso, parece ainda distante a concretização de uma atenção diferenciada aos problemas nutricionais entre as sociedades indígenas. Mais próxima parece estar a implantação de rotinas de

vigilância nutricional em áreas indígenas, exigindo adequações de cunho basicamente logístico para a produção de dados nutricionais entre essas populações. Além do mais, o caráter essencialmente biomédico das propostas de vigilância nutricional indiscutivelmente assemelha-se mais ao modelo de assistência à saúde já desenvolvido pela Funasa que qualquer iniciativa de articulação das práticas biomédicas com os pontos de vista nativos. Não envolvendo a superação de diferenças epistemológicas, sua implantação se mostra menos complexa que a adoção de abordagens culturalmente sensíveis.

A pesquisa que deu origem a este livro partiu de minha insatisfação e inquietude diante das abordagens que hoje prevalecem nas análises da situação alimentar e nutricional das sociedades indígenas, essencialmente centradas nos aspectos biomédicos do tema. A própria atenção dispensada à saúde desses povos segue, como se viu, essa orientação, a despeito das extensas discussões e demandas que apontam em outra direção. Esse tipo de abordagem impõe, a meu ver, sérios limites à compreensão de um problema de natureza reconhecidamente complexa.

O trabalho foi, antes de tudo, uma tentativa de superar essas limitações e de, ao responder a uma inquietude pessoal, contribuir para o conhecimento sobre o tema. Meu objetivo era descrever, da melhor forma possível, as condições de alimentação e nutrição do grupo, o que incluía um esforço direcionado ao entendimento de suas práticas alimentares. Em última instância, ao entendimento do pensamento wari'. É devido a esse último componente, bastante ambicioso para minha formação biomédica, que fiz algumas opções metodológicas que me pareceram fundamentais para o sucesso da pesquisa, como trabalhar sozinho, tentar aprender a língua nativa e, se/e assim que me fosse permitido, partilhar teto, alimentação e a rotina com uma família wari'. Isso, naturalmente, exigiu a realização de um trabalho de campo relativamente longo para os padrões dos estudos sobre nutrição de povos indígenas, mas certamente breve para estudos antropológicos.

Desse modo, trabalhei na aldeia de Santo André, na Terra Indígena Pacaás Novos, que contava na época com trezentos habitantes, de um total de cerca de 2.700 indivíduos Wari'. A pesquisa baseou-se em trabalho de campo, realizado em três viagens de outubro de 2002 a novembro de 2003. A primeira aconteceu entre outubro e dezembro de 2002; a segunda, entre janeiro e junho de 2003; e a última teve lugar em novembro de 2003. No total, foram oito meses de permanência na aldeia de Santo André. Durante os primeiros três meses e meio fiquei hospedado em um alojamento anexo à farmácia da aldeia, onde podia preparar minhas refeições com os gêneros que eu havia levado para a aldeia. Nos meses seguintes, passei a viver com a família de Wao Ho e Wem Camain. De modo a não sobrecarregá-los com meu consumo de alimentos e outros itens, eu entregava à família gêneros como arroz, feijão, açúcar, sal, óleo de cozinha, macarrão, biscoitos, café, leite em pó e algum charque. Levei também sabão, velas, fósforos, munição, anzóis e náilon. Minha

escolha destes itens baseou-se no que via os Wari' consumirem em seu cotidiano, e minha única restrição relacionava-se a levar balas (doces) para a aldeia, o que quase invariavelmente faziam todos os não-índios que seguiam para lá e ainda os Wari' que iam a Guajará-Mirim. Embora de modo geral estranhassem minha recusa em fazê-lo, era tal a frequência com que eu via crianças e adultos com dores de dente que julguei apropriado evitar essa prática (embora soubesse que a prevalência aparentemente elevada de cárie dental entre os Wari' não se devesse somente ao hábito esporádico de chupar balas). Não mantive comigo alimentos de qualquer espécie, e sempre partilhava de suas refeições. Assim, comia o mesmo que todos, nos mesmos horários e, à medida que aprendia como fazê-lo adequadamente, da mesma forma. O cardápio resultante não era distinto daquele observável em qualquer domicílio wari' e mesclava produtos comprados e produzidos em atividades de agricultura, caça e coleta. No entanto, considerando haver alterado, tanto em razão de minha presença como dos itens (alimentares ou não) que havia trazido, a disponibilidade de alimentos nesse domicílio, não o incluí nos inquéritos alimentares. Assinalo ainda que mesmo minhas observações da rotina levavam esse dado em consideração.

Não usei intérpretes durante o trabalho. Embora fossem pouco numerosos os Wari' fluentes em português, com o tempo fui aprendendo sua língua, e no final do trabalho já não falava português na aldeia. É claro que meu vocabulário era limitado, e por certo eu cometia freqüentes erros gramaticais. De todo modo, expressar-me em sua língua e, mais que isso, esforçar-me para consegui-lo foi fundamental para o meu relacionamento com os Wari', e imprescindível para minha compreensão de suas idéias e de suas práticas cotidianas.

O livro encontra-se organizado em cinco capítulos, além da introdução e das conclusões. O primeiro apresenta a população de estudo, os Wari', grupo indígena da Amazônia oriental. Com base em revisões históricas sobre o grupo, sua trajetória é brevemente descrita e contextualizada no processo de ocupação da região por frentes extrativistas e de colonização. São descritos ainda dados ambientais e demográficos, e delineados em termos gerais seus perfis de morbidade e mortalidade. Esse capítulo tem por objetivo contextualizar a situação wari' em um panorama mais amplo, no qual a dimensão nutricional apresenta-se intimamente associada a uma diversidade de aspectos.

Os capítulos 2, 3, 4 e 5 comportam a descrição e a análise dos dados coletados ao longo do trabalho de campo e constituem conjuntos complementares de dados. Os capítulos 2, 3 e 4 referem-se, de modo geral, aos processos de produção, processamento e consumo de alimentos; o capítulo 5, ao perfil nutricional da população, diagnosticado com base na antropometria. Os capítulos 2, 3 e 4, na verdade, formam uma espécie de 'bloco' centrado em uma ampla e, confesso, difícil

tentativa de descrever e analisar aspectos ecológicos e antropológicos da alimentação wari', sendo, dessa forma, especialmente complementares entre si.

O capítulo 2 ("Subsistência") busca fazer uma descrição das práticas econômicas da população, com uma atenção particular às formas de produção e obtenção de alimentos. São discutidos o alcance e as implicações das mudanças observadas na economia wari' e especialmente a inserção do grupo na economia de mercado. Esse envolvimento é descrito como um processo caracterizado pela mercantilização da produção agrícola e pela ampliação das fronteiras de seu sistema alimentar. Ambos os aspectos indicam a preponderância de seus reflexos negativos e as profundas implicações envolvidas. A situação de desigualdade em que se encontram no âmbito das relações comerciais tem conseqüências importantes no cotidiano wari' e irá se refletir nos padrões de utilização dos recursos naturais, na produção de outros alimentos, nos perfis de consumo alimentar e nas condições nutricionais da população, o que ficará cada vez mais evidente nos capítulos subseqüentes deste livro.

O capítulo 3 ("Transformação e persistência: práticas alimentares wari'") refere-se ao modo como os Wari' preparam, distribuem e consomem seus alimentos, em seu dia-a-dia. Além disso, nele busquei compreender algo acerca dos motivos que norteiam essas práticas – isto é, do pensamento wari' sobre a alimentação e outras dimensões de suas vidas – e que se refletem em suas relações com a comida. Essa compreensão que, friso, não é total ou acabada, permitiu a identificação de um conjunto extenso de regras e princípios coerentes aos quais os Wari' submetem suas práticas cotidianas direta ou indiretamente ligadas à alimentação. Mais que isso, sob diversos aspectos essas condutas refletem sua dinâmica social, seus conceitos de fisiologia, suas relações com o meio ambiente e assim por diante. Procuro demonstrar a indissociabilidade do pensamento wari' no que concerne a aspectos que poderiam ser julgados aparentemente distintos, evidenciando as limitações ainda maiores das análises que comportem apenas os ditos aspectos biológicos da alimentação, segundo o discurso biomédico.

A análise do capítulo, ainda mais quando referida às discussões do capítulo anterior e daquele que se segue, conduz a uma reflexão acerca do alcance das transformações observadas nas práticas alimentares de populações indígenas e do tratamento simplificado que essa questão tem recebido por grande parte dos estudos que se propõem a entendê-la. Contra essa limitação, argumenta-se a necessidade de se tornarem mais complexas as discussões sobre mudanças e práticas alimentares entre povos indígenas, com a aplicação efetiva – e não apenas alegada – de uma perspectiva multidisciplinar.

O capítulo 4 ("Consumo alimentar") diz respeito aos dados coletados durante a realização de dois inquéritos alimentares de natureza quali-quantitativa. Os inquéritos, feitos em duas épocas do ano, revelam nuances importantes na

dinâmica de obtenção e consumo de alimentos. Os dados registrados ao longo do trabalho subsidiaram uma discussão do alcance e das implicações das mudanças observadas no sistema alimentar wari', objeto da atenção desse capítulo, e ainda a descrição das práticas alimentares, sistematizadas no capítulo anterior. A observação dos perfis de consumo possibilitou ainda uma discussão do papel dos processos decisórios em âmbito domiciliar na escolha das estratégias econômicas e, desse modo, na determinação das possíveis repercussões de ordem nutricional. Esses processos aparecem como responsáveis por um notável grau de heterogeneidade entre os perfis de consumo alimentar dos domicílios avaliados, aspecto que difere das descrições correntes para populações indígenas amazônicas. Discute-se a necessidade de se considerar a dimensão sazonal das condições de alimentação e nutrição dessas populações na definição de rotinas de vigilância nutricional, ante as evidências de que processos equivalentes têm lugar em outras populações indígenas do país, e diante ainda de seus possíveis reflexos sobre seus perfis de saúde e nutrição.

O quinto capítulo ("Perfil nutricional") apresenta e discute os dados de dois inquéritos antropométricos realizados em Santo André, em estações do ano distintas. O capítulo busca traçar o perfil nutricional de toda a população, analisando ainda segmentos populacionais específicos. Identificam-se, desse modo, os grupos mais vulneráveis à ocorrência de problemas nutricionais, e examinam-se os possíveis aspectos biológicos e socioculturais envolvidos na determinação do perfil observado. No debate acerca da interpretação da antropometria entre populações indígenas, o caso wari' revela um acúmulo de evidências que justificam a interpretação dos dados como indicadores de uma situação nutricional inadequada, em que se destaca a grande magnitude das prevalências de desnutrição infantil. Para além da sua dimensão absoluta, os dados revelam uma grande disparidade entre a situação wari' e o restante da população brasileira.

Em "Conclusões" são retomadas algumas questões apresentadas ao longo do livro, buscando realizar uma síntese dos principais achados. O perfil nutricional dos Wari' de Santo André é visto como um indicador bastante sensível de suas condições de vida e revela um quadro amplamente desfavorável, confirmado pelo exame das condições sanitárias e dos perfis de mortalidade e morbidade. A situação wari' apresenta-se como uma expressão das desigualdades que a separam do restante da população brasileira e reflete as interações entre aspectos ecológicos, sanitários, socioculturais e econômicos, dentre outros. Aqui são mostrados alguns aspectos relevantes para a superação dos problemas observados, em razão das especificidades do caso wari'. Em seu conjunto, os dados indicam que a compreensão dos determinantes da situação nutricional da população, em âmbito individual ou coletivo, não pode prescindir de uma cuidadosa contextualização dos achados no conjunto das práticas nativas e das idéias que as orientam. De outro modo, impõem-se limites

muito claros não apenas ao entendimento do quadro, mas também às possibilidades de superação das dificuldades hoje enfrentadas pela população.

O trabalho que aqui se concretiza não teria sido possível sem o apoio de diversas instituições e pessoas. Os recursos para a realização da pesquisa de campo foram providos pelo Projeto Multicêntrico em Saúde Indígena Ensp/Fiocruz-Universidade Federal de Rondônia: saúde e demografia em contextos de mudanças sociais, econômicas e culturais na Amazônia Ocidental, financiado pela Fundação Ford. Durante o doutorado, fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (processo 141242/00-0). O apoio da Fundação Nacional do Índio, em especial da Administração Regional de Guajará-Mirim, e o da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) foram essenciais para a realização do trabalho de campo. Na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz), encontrei o apoio institucional e o estímulo necessários ao meu crescimento intelectual.

Tenho, para com as antropólogas Beth Ann Conklin e Aparecida Vilaça, uma enorme dívida, que sinceramente não imagino como possa retribuir. Admiro profundamente a sensibilidade com que escrevem sobre os Wari'. *Wari' pin na Beth. Aparecida kem.* A Ricardo Santos e Carlos Coimbra Jr., meus orientadores, sou sinceramente grato pela amizade, pelo apoio, estímulo e exemplo profissional. Agradeço sobremaneira a Aparecida Vilaça, Luiza Garnelo, Silvia Gugelmin, Roseli Magalhães de Oliveira, Mércio Pereira Gomes e Luciana Cerqueira Castro, que fizeram leituras de versões anteriores do trabalho e permitiram que eu o enriquecesse com base em suas críticas e sugestões. Agradeço também a cuidadosa leitura e as sugestões feitas por dois pareceristas anônimos que avaliaram inicialmente esta obra e contribuíram muito para minhas reflexões.

Tenho, para com os Wari', uma dívida que persistirá por minha vida. Sinto-me verdadeiramente privilegiado por haver permanecido entre eles e pela compreensão, ainda que limitada, que logrei alcançar de seu universo. Tive, em Wao Ho e Wem Camain, novos pais, e em Raquel, Eliana, Cristiane e Quimoin, novas irmãs. Moacir, meu cunhado, é como um irmão para mim. Jimain Wom, Clemilda, Orowao e Topa' são verdadeiramente meus irmãos mais novos. Vi Topa', agora já crescida, dizer suas primeiras palavras em sua língua e reconhecer-me como seu irmão mais velho. Tenho por todos eles um amor infinito, e é com muita alegria que vejo esta família crescer com o nascimento de novas crianças.

Notas

¹ Embora a questão nutricional não se restrinja, naturalmente, a aspectos biomédicos.